



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE
PERNAMBUCO CENTRO DE
FILOSOFIA E CIÊNCIAS
HUMANAS DEPARTAMENTO
DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS
CURSO DE LICENCIATURA
EM GEOGRAFIA.**

JEIEL ARAÚJO DA SILVA

**GEOGRAFIA E LITERATURA: O ROMANCE “HOMENS E
CARANGUEJOS” COMO FERRAMENTA EDUCACIONAL
PARA ENTENDER AS OCUPAÇÕES ÀS MARGENS DO
CAPIBARIBE.**

**RECIFE
2022**

JEIEL ARAÚJO DA SILVA

GEOGRAFIA E LITERATURA: GEOGRAFIA E LITERATURA: O ROMANCE “HOMENS E CARANGUEJOS” COMO FERRAMENTA EDUCACIONAL PARA ENTENDER AS OCUPAÇÕES ÀS MARGENS DO CAPIBARIBE.

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso licenciatura em geografia da universidade federal de Pernambuco, como requisito para obtenção do título de graduação em licenciatura em geografia.

**RECIFE
2022**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silva, Jeiel Araújo da.

Geografia e literatura: o romance "Homens e caranguejos" como ferramenta educacional para entender as ocupações às margens do Capibaribe. / Jeiel Araújo da Silva. - Recife, 2022.

54 p. : il., tab.

Orientador(a): Bertrand Roger Guillaume Cozic

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Geografia - Licenciatura, 2022.

Inclui referências, anexos.

1. Didática . 2. Literatura Pernambucana . 3. Urbanização . 4. Desigualdade Espacial . 5. Habitação . I. Cozic, Bertrand Roger Guillaume. (Orientação). II. Título.

370 CDD (22.ed.)

JEIEL ARAÚJO DA SILVA

GEOGRAFIA E LITERATURA: GEOGRAFIA E LITERATURA: O ROMANCE “HOMENS E CARANGUEJOS” COMO FERRAMENTA EDUCACIONAL PARA ENTENDER AS OCUPAÇÕES ÀS MARGENS DO CAPIBARIBE.

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso licenciatura em geografia da universidade federal de Pernambuco, como requisito para obtenção do título de graduação em licenciatura em geografia.

DATA DE APROVAÇÃO: 28/10/2022

Orientador: Prof. Dr Bertrand Roger Guillaume Cozic/UFPE.

Prof. Dr Caio Maciel/ UFPE.

Prof.Me. Josias Ivanildo Flores de Carvalho/ UFPE.

**RECIFE
2022**

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer ao meu Deus por ter me permitido essa oportunidade de cursar esse curso de tão grande importância e inigualável múltiplas perspectivas de conhecimentos. Agradeço a ele por ter me auxiliado na construção desse trabalho porque se dependesse somente das minhas limitadas capacidades nunca conseguiria construir um milionésimo parágrafo sugestivo, grato por tudo!

Parmênides respondia: o leve é positivo, o pesado é negativo. Bom, ele teria razão? Seria a nossa vida toda leve na construção de tudo que planejamos? Eu acredito que não! O pesado como ato de existência ao sofrimento humano é inevitável para se conquistar algum objetivo mediante a qualquer circunstância de acontecimentos, bons ou ruins. Pois bem, minhas gratidão abaixo para as pessoas que me auxiliaram nesse peso.

Meus sinceros agradecimentos a minha família; Meu pai, minha mãe, minha irmã e todos os outros parentes que direto ou indiretamente me deram incentivo nessa jornada cansativa, mas prazerosa, angustiante, mas desafiadora, esses dois pólos opostos andaram lado a lado. É impossível não esquecer que essas pessoas são as que estão mais próximas, por isso tende a reconhecer suas qualidades e seus defeitos, devido a isso, o peso deles de ter me incentivado é um motivo ímpar de deixar a minha gratidão.

Meus agradecimentos especiais também vão para a UFPE que me possibilitou desfrutar desta rica oportunidade de estudo sem esse espaço, obviamente, não estaria encerrando essa graduação. Quero agradecer aos professores do departamento de ciências geográficas, aos colegas que fiz na UFPE, a todos. Meu agradecimento vai para o professor Bertrand que foi muito gentil e extremamente pontual na orientação deste trabalho, com seriedade e simpática me auxiliou na elaboração, meus agradecimentos.

Enfim, para concluir esse ensejo, deixarei algo marcante do Gol D. Roger do anime One piece, onde ele sinaliza que os sonhos não morrem porque são como herança herdada. Pois bem, eu estou cumprindo meu sonho, pela herança dos meus pais.

RESUMO

Este trabalho apresenta como a literatura apresentava e continua apresentando a geografia como fio condutor de se entender a sociedade. Indo além, revela que as duas ao longo tempo e em diversas civilizações se uniram para apresentar ao mundo as suas conclusões e os seus problemas. Sendo assim, apresentamos uma proposta didática para incluir a literatura nas aulas de geografia para tratar sobre os moradores ribeirinhos do rio capibaribe no Recife que vivem nas palafitas. Usamos geógrafos, romancistas, críticos literários, reportagens e especialistas na educação para elucidar a importância de tratar esse tema, mas também para embasar essa proposta; incluído um romance do Josué de Castro que pode ser usado para tratar esse problema nas salas de aulas ajudando a incentivar os alunos a leitura e a compreender essa problemática da desigualdade espacial na cidade de forma mais visível para a realidade que vivem.

Palavras-chaves: Literatura; Desigualdade espacial; Didática.

ABSTRACT

This work presents how literature presented and continues to present geography as a guideline for understanding society. Going further, it reveals that the two over time and in different civilizations have come together to present their conclusions and problems to the world. Therefore, we present a didactic proposal to include literature in geography classes to deal with the riverside residents of the capibaribe river in Recife who live on stilts. We use geographers, novelists, literary critics, reports and education specialists to elucidate the importance of dealing with this theme, but also to support this proposal; included a novel by Josué de Castro that can be used to address this problem in classrooms, helping to encourage students to read and understand this problem of spatial inequality in the city in a more visible way for the reality they live.

Keywords: Literature; Spatial inequality; Didactics.

LISTA DE

Tabela 1- Habilidades sobre "Natureza, ambientes e qualidade de vida", previsto para o segundo bimestre do 7º ano.....	43
Tabela 2 - Habilidades sobre “Formação do Território Brasileiro”, previsto para o segundo bimestre do 7º ano.....	44

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	9
2.GEOGRAFIA E LITERATURA: CONVERSAS ENTRELAÇADAS.....	12
2:1 A RELAÇÃO ENTRE A GEOGRAFIA E A LITERATURA NA ANTIGUIDADE E NA IDADE MÉDIA.....	12
2:2 A LITERATURA E A DESIGUALDADE ESPACIAL.....	16
2:3 O ROMANCE HISTÓRICO COMO OBJETO DE ESTUDOS DOS GEÓGRAFOS.....	19
3. URBANIZAÇÃO, ENSINO DA GEOGRAFIA E LITERATURA: O ROMANCE “HOMENS E CARANGUEJOS COMO SUPORTE DIDÁTICO.....	24
3:1 LEGISLAÇÃO DA MORADIA: UM PANORAMA CONTEMPORÂNEO ACERCA DOS DESABRIGADOS E DAS OCUPAÇÕES.....	24
3:2 IDENTIFICAR OS MOTIVOS QUE LEVARAM OS FLUXOS DE PESSOAS A OCUPAR AS MARGENS DO RIO CAPIBARIBE NO RECIFE.....	26
3:3 VERIFICAR A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA COMO RECURSO INTERDISCIPLINAR NAS AULAS DE GEOGRAFIA.....	32
3:4 JOSUÉ DE CASTRO E O ROMANCE “HOMENS E CARANGUEJOS”.....	36
3:5 VERIFICAR A APLICABILIDADE DO ROMANCE “HOMENS E CARANGUEJOS” SEGUNDO A BNCC E O CURRÍCULO DO ESTADO DE PERNAMBUCO.....	41
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO.....	47
ANEXO IMAGEM.....	51
ANEXO FOTOGRAFIAS.....	52

1 INTRODUÇÃO

O escritor Alemão Johann Wolfgang von Goethe se expressou em uma das suas obras *As afinidades eletivas* (1809) acerca da importância da arte para homem, ele relatou dessa maneira: “A arte é o meio mais seguro para nos evadimos do mundo; ela è também o meio mais seguro para nós vinculamos a ele.” (GOETHE, 2018,p.203). É essa que foi trabalhado nesse trabalho de conclusão de curso. A literatura como uma ferramenta que irá auxiliar a geografia a compreender o espaço e suas nuances; desigualdades e transformações ao longo do tempo em diferentes escalas.

A literatura sempre teve esse “poder” de conceder aos escritores a liberdade de documentar esse olhar crítico. Desde a antiguidade, como será observado nesse trabalho, até os dias atuais, nos mais diferentes sabores das suas épocas eles usaram a literatura para expor o que muitos não tinham coragem para dizer, ou não sabia como articular os acontecimentos da sua época. A literatura usa dos símbolos, analogias e fantasias que levam o leitor as mais variadas épocas, pessoas de classes sociais e civilizações a experimentar sentimentos, sonhos e problemas daqueles que estão escrevendo as suas obras. É essa vinculação citada pelo Goethe que a arte desempenha esse papel único de aprendizado e reflexões para diversas gerações.

Quando o exemplo do aprendizado é algo próximo de nós podemos entender de forma mais visível aquilo que estamos tentando passar. Quando queremos falar sobre o problema de moradia no Recife, mas principalmente a questão de ocupações ribeirinhas no rio Capibaribe, chamadas de palafitas, nada mais óbvio do que ter um exemplo que trate esse problema antigo e desumano na cidade. A arte literária disponibilizou para nós essa ferramenta de compreensão desse problema, mas acima de tudo, deixou um documento da geo história para lembrarmos que essa desigualdade perdura até os dias atuais.

“Ô Josué, eu nunca vi tamanha desgraça Quanto mais miséria tem, mais urubu ameaça”. Esse é um trecho da música *Da lama ao caos* (1994) da banda Nação Zumbi que relembra o escritor pernambucano Josué de Castro na sua obra *Geografia da fome* (1945) que mostra a imensa desigualdade social e regional ao acesso à alimentação que o Brasil passava. Mas tarde no seu romance *Homens e caranguejos* (1967) o escritor volta os seus olhares para a capital Pernambucana e as palafitas de miseráveis que vivem às margens do

capibaribe e seus contraste, muito bem visto pelo outro escritor e poeta Pernambucano João Cabral de Melo Neto na obra *O cão sem plumas* (1950), vejamos:

É nelas.
 mas de costas para o rio, que as grandes
 "famílias espirituais" da cidade chocam os
 ovos gordos
 de sua prosa. (...) Entre a paisagem
 (fluía)
 de homens plantados na
 lama plantados em ilhas
 coagulados na lama.
 (MELO, 1984, p.32).

Enquanto uns viviam nos casarões de costa para o Capibaribe, outros viviam e vivem, até o momento que estou escrevendo este trabalho, nos manguezais desse rio. Podemos fazer uma pequena analogia com os versos do João Cabral citado acima trocando as "grandes famílias espirituais da cidade" pelas grandes empresas, edifícios, instituições governamentais e até mesmo nós que passamos diariamente por esse rio, mas damos as costas para esse problema. Infelizmente as palafitas se tornaram uma iconografia maldita desta cidade, que não só ressalta e explicita o problema de moradia na capital do estado, mas também a desigualdade espacial latente.

O leitor irá encontrar logo no início deste trabalho, no objetivo geral, como era a relação entre a geografia e literatura na antiguidade e na idade média, em diferentes partes do mundo; Gregos, Romanos, Árabes, Persas, Chinês e Japoneses, cada qual introduzindo suas perspectivas geográficas nas suas literaturas. Ainda foi observado como a literatura pode trabalhar a desigualdade espacial citando exemplo de obras clássicas estrangeiras, mas também obras da nossa literatura. O romance histórico como estudo geográfico é também analisado para se introduzir como uma ferramenta educacional nas aulas de geografia pelas obras de Steinbeck e Aluísio de Azevedo nas suas respectivas problemáticas sócio espacial, mas sempre ressaltando a questão de moradias.

Os objetivos específicos irão adentrar na problemática de moradia no Recife; tanto das atuais ocupações, a inércia do poder público, mas também as ocupações ribeirinhas do rio Capibaribe no Recife. Continuando nos objetivos específicos, foi mostrada a importância dessa interdisciplinaridade entre a geografia e a literatura, e como a literatura por si só já é uma didática natural a ser usada nas salas de aulas.

Por fim, esse trabalho de conclusão de curso irá analisar o romance do Josué de Castro "Homens e Caranguejos" como uma ferramenta educacional para se entender os motivos que levaram essas ocupações no rio Capibaribe. Além disso, mostrará que tanto a base curricular Nacional e o currículo do estado de Pernambuco oferecem habilidades nos anos letivos para se introduzir esse romance nas aulas de geografia.

2. GEOGRAFIA E LITERATURA: CONVERSAS ENTRELAÇADAS

2.1 A RELAÇÃO ENTRE A GEOGRAFIA E A LITERATURA NA ANTIGUIDADE E NA IDADE MÉDIA

À primeira vista parecem campos de estudos inconciliáveis: Geografia e Literatura. Porém, quando se aprofunda em leituras em vários idiomas e perspectivas literárias, se constata que estes temas se apresentam muitas vezes imbricados. As relações que se estabelecem entre a Geografia e a Literatura sempre foram necessárias para que as análises do mundo que vivemos ganhasse novos contornos de reflexões

A literatura como tema de discussão da geografia, e as suas complicações, já era experimentada entre os Gregos na antiguidade nas epopeias clássicas como a *Ilíada* e a *Odisseia*, de Homero, escrita no século VIII a.C. Nessas obras a realidade e a ficção permeiam todo imaginário do leitor, que em diversos momentos se depara com as mais variadas ilustrações de lugares e diferentes culturas. A obra de Homero contém uma descrição das regiões da Grécia : Macedônia, Etólia, Tessália, Ática, Beócia, e das costas da Ásia menor. Segue um exemplo abaixo:

Aqueles que habitam a Macedônia, aqueles que
administraram Etólia, Tessália e Atica, aqueles
que possuíam Phthia e Hellás, de belas
mulheres:

Eles eram chamados de mirmidões, helenos e aqueus.
De seus cinquenta navios, Aquiles era o chefe.
(HOMERO,2020,p.128).

Além de ilustrar lugares, há também quem defende que a obra de Homero contém um trabalho cartográfico. Segundo Bocchetti (2005),“ Ilíada e a Odisseia pode ser considerada

a primeira ilustração de mapa de toda a Grécia, onde mais tarde seria usado por: Heródoto e Eratóstenes nos seus trabalhos”. (BOCCHETTI, 2005, p.2)

Continuando dentro dessa perspectiva grega da geografia e literatura, observamos que os mitos da Grécia antiga permeiam uma relação direta do homem com a geografia. Os mitos narrados e relatados na literatura grega coincidem com a forma que os gregos entendiam o espaço que eles viviam. Vejamos como o Paul Claval, geógrafo Francês, descreve na obra *História da geografia (2001)* essa relação mitológica com a geografia:

A representação da terra sempre interessou aos gregos: Homero evoca a forma do mundo na sua descrição do escudo de Aquiles. No decurso do seu voo, Icaro desfruta de uma perspectiva soberba do mundo que ninguém pode ter permanecendo no solo. Essas referências literárias nunca serão esquecidas. Porque os mitos gregos estão ligados a lugares precisos, todos deveriam saber onde se desenrolaram. (CLAVAL, 2006, p.23.).

Outros mitos como: Perséfone, que simbolizava as estações do ano, Faetonte, que personificava as secas dos rios e lagos por causa da má condução da carruagem do seu pai, Hélio personificação do sol, e entre outros.. Era por meio desses mitos criados pelos gregos onde cada um com aptidões e histórias diferentes que eles formavam o entendimento sobre diversos aspectos da geografia física e humana.

Esse papel narrativo que a literatura tem para descrever problemas, lugares e os mais variados comportamentos humanos, foi uma inspiração que muitos geógrafos do século XIV e da primeira metade do século XX foram levados à geografia pelas obras dos romancistas, como o Aziz N. Ab'Saber relata em suas memórias profissionais, afirmando que, [...] “via a geografia através dos romances”. (AB'SABER, 2007, p.47). Não é difícil ignorar, que mesmo as obras ficcionais tenham esse motor de trazer a tona questionamentos do nosso cotidiano para que possamos trabalhar em diversas áreas no campo das ciências.

Sendo assim, a geografia continuou sendo ilustrada ao longo do tempo pelos grandes clássicos da literatura. Seguindo o exemplo de Homero da Grécia antiga, a obra poética *Eneida*, de Virgílio, lançada 19 A.C, mostra várias referências literárias, sendo algumas delas a descrição espacial de lugares, mas especificamente nesse clássico várias descrições das cidades do Império Romano. Essa análise é conferida por diversos estudiosos acerca do estudo geográfico sobre essa obra poética. Vejamos abaixo uma observação feita pelo

Guillermo De Santis (2009), mostrando como a geografia urbana está presente na obra do Virgílio:

A novidade na Eneida é a introdução de outra descrição como instância anterior, a descrição geográfica da cidade. Esta é a segunda forma, a não tradicional, recorrendo à cidade como intertexto, aos lugares e edifícios que cada cidadão pode reconhecer e atualizar. O prestígio de momentos da história de Roma e das guerras vencidas, como apresentado no escudo, encontra um correlato em uma geografia urbana de prestígio, que torna a cidade um reservatório de memória histórica. (SANTIS, 2009,p. 35).

Os árabes também trouxeram para a literatura grandes contribuições para o processo de entendimento da geografia. Uma dessas contribuições foi para o campo da cartografia, mas também do romance fantástico, que ao lado dos Persas construíram uma das clássicas obras da literatura universal, *As mil e uma noites*, escrita durante o século IX.

Paul Claval observa essa contribuição árabe na geografia pela criação de mapas, que até então na época da Europa medieval, não tinha registros tão precisos e atualizados do mundo. E por meio de viajantes árabes diversos reis Europeus tiveram acesso a seus registros nesses compilados cartográficos:

[...] Mas é graças aos seus grandes viajantes que a geografia se afirma, sobretudo através da obra de al-Muqaddas (c. 945-1000), ou de al-Idrissi (c. 1099 ou 1100-1165 ou 1180), que conhecia bem o ocidente cristão e muçulmano e dominava as técnicas da cartografia: compilação de viagens que publica enquanto da sua estada na corte do rei Rogério II da Sicília (c.1095-1154), em Palermo, inclui 68 mapas. (CLAVAL, 2006, p.33).

Também podemos relatar mais contribuições literárias árabes no campo da geografia com a exploração de outros saberes do campo desta ciência, mesmo que de forma empírica. Na coletânea *O Gharb al-Andalus al-Aqsa na Geografia Árabe (2012)* do Antônio Rei, situamos a existência de algumas obras da literatura árabe, nos mais diversos propósitos no campo da geografia:

A partir do contacto com a cultura grega bizantina, os árabes traduziram literalmente a expressão que deu origem ao termo “geografia”: *geo* (terra) *graphos* (imagem). Assim, os textos mais antigos que versaram sobre a matéria geografia aparecem reiteradamente designados, por vários autores, como livro da imagem da terra (*Kitab Sûrat al-Ard*). [...] Também surgiram

outras tipologias de obras nesta área, que foram designadas como “*Kitâb al-Buldan*” (livros dos Países), “*Sifat al-Dunya*” (atributos do mundo), “*Kitab al-Masalik wa-l- Mamalik*” (livro dos caminhos e dos Reinos), “*Ilm al-turûp*” (conhecimentos de vias), “*Ilm al-Burûd*” (conhecimentos das paragens e das estâncias), “*Ilm al-Atwal wal-urûd*” (ciências das longitudes e das latitudes), *Ilm Taqwim al- Buldan* (Ciência da localização dos Países). (REI, 2012, p. 26,30).

O romance fantástico “As Mil e uma Noite” perpassando o imaginário Persa e Árabe trouxe elementos culturais, religiosos, sociais e geográficos desses dois povos para um imaginário popular da literatura universal. Veja abaixo a reportagem do “jornal opção”, sobre o assunto:

A geografia que circunscreve os contos é vasta, vai do Iraque, China, Índia, Arábia Saudita, Afeganistão, Turcomenistão, Irã (Pérsia), Argélia, Síria, Iêmen até o Egito. Descrevendo os lugares, diversos aspectos físicos e geográficos, a obra torna-se um importante documento de entender a compreensão do mundo por essas duas ricas culturas. (PEREIRA, 2018).

Também ao oriente temos povos que contribuíram ricamente na sua literatura para o entendimento geográfico. Contudo, muitas dessas obras nunca foram publicadas no Brasil, e gera um certo desconhecimento entre as pessoas sobre alguns desses clássicos. Isso faz com que grande parte do nosso conhecimento em geografia e literatura se especifique no campo euro centrista, que tem, obviamente, a sua importância.

Na China temos alguns clássicos que podem ser uma ferramenta importante para os estudos geográficos daquele País; *O Romance dos Três Reinos* (1522), *Os bandidos do Pântanos*, escrita no século XIV, e *O sonho de uma Câmara Vermelha* (1791). Nenhum deles traduzido no nosso idioma. Na reportagem do jornal “China hoje”, cita essa grande confluência entre a literatura Chinesa e a geografia, vejamos:

A obra de Shan Hai Jing *Clássico das Montanhas e dos Mares* é o registro cultural e geográfico mais antigo da China. Trata-se de um livro extraordinário sobre mitos e lendas da Antiguidade, além de um valioso documento sobre geografia, etnografia e costumes populares. *O romance dos Três Reinos* registra uma geografia da grande planície chinesa, e suas diversidades populacionais e culturais. Nele podemos apreciar visões fantásticas sobre lugares exóticos e terras distantes. (TOLEDO, 2019).

No Japão temos um clássico da literatura que explica as relações conturbadas entre o Japão e a China no século XI. O romance *Genji Monogatari* (1008) acessível ao nosso idioma, este romance mostra o início de um afastamento político e cultural do Japão para com a China. A obra em questão além de descrever determinados aspectos físicos geográficos daquele País, é uma rica introdução para se conhecer um pouco de geopolítica daquela época. Não deixa de ser curioso que um País com um histórico de patriarcado forte, um dos romances mais antigos tenha sido escrito por uma mulher.

Essa viagem literária em diversos momentos históricos e de diferentes países mostra que a geografia e a literatura conseguem se apoiar um no outro para mostrar, por diferentes perspectivas, a sociedade, o meio ambiente, a política e os mais diversos conflitos das épocas que foram escritas. As analogias por meios de mitos religiosos pelos Gregos, a poesia mitológica dos Romanos, as viagens e construções de mapas antigos pelos Árabes, a literatura fantástica dos Persas, e as intrigas palacianas dos Chinesas e Japonês, revelam os mais diversos meios de se estudar a geografia.

2.2 A LITERATURA E A DESIGUALDADE ESPACIAL

Esses exemplos dos Gregos, Romanos e de outros povos citados acima, influenciaram estudos de geógrafos do século XIX e do século XX acerca dos mais variados temas da geografia como: Populações, paisagem, migrações e problemas socioeconômicos. Entre os mais variados temas de discussão do campo da geografia está a relação de influência do homem com o espaço geográfico, e como as transformações desse espaço são vistas sob a ótica da literatura. Tissier (1991), comenta que o reencontro da Literatura com a Geografia está nas leituras de obras literárias feitas pelos geógrafos e afirma sobre a criação literária pode se estritamente geográfica pois, “o texto se refere a uma espacialidade precisa; temático, ele se vincula à paisagem, ao conteúdo humano ou social; epistemológico, o leitor atualiza o sentido dos lugares, as representações”. (TISSIER, 1991, p.236). Ressalta também que o lugar e as experiências humanas se manifestam particularmente na Literatura, e na corrente da geografia humanística, pois:

A abordagem literária enfatiza o estudo espacial dos lugares como sítios de experiência humana, individual ou coletiva, experiência que se traduz por

valores particulares. Eles manifestam-se nas suas obras de arte, em particular na literatura. A literatura é o grande depositário das relações como discursos ou como vínculos estabelecidos entre o homem e a terra. A obra faz do objeto uma leitura existencial que se liga aos enunciados que exprimem qualidade, a variedade, a generalidade dos sentimentos, das representações, das imagens que se elaboram entre o homem e o mundo. (TISSIER, 1991, p. 237).

Se formos aprofundar a temática espaço e suas relações humanas em um ponto de vista epistemológico da geografia, veremos que na obra *Por uma Geografia Nova* (1978) do Milton Santos, o conceito de espaço é compreendido como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações que estão acontecendo e manifestam-se através de processos e funções. “O espaço é um verdadeiro campo de forças cuja formação é desigual. Eis a razão pela qual a evolução espacial não se apresenta de igual forma em todos os lugares”. (SANTOS, 1978, p.122).

A literatura ilustrou essas variadas desigualdades espaciais ao longo do tempo, refletindo os problemas pertinentes da época em que a obra foi escrita. Mas sabemos que muitos desses problemas do passado tem um efeito no nosso presente, como bem foi citado acima pelo Milton Santos.

Na literatura estrangeira podemos citar inúmeras obras que por meio das narrativas mostrou a face dessas desigualdades, muitas delas enfatizando problemas como: Pobreza, colonialismo, falta de moradia, racismo, entre outras coisas.

No romance *Os Miseráveis* (1862) de Victor Hugo, o autor apresenta na obra vestígios do reinado de Luís XVI e da Revolução Francesa, uma cidade que crescia de forma desordenada, já voltada para os interesses capitalistas. Mediante a isso um contingente populacional emigrou para Paris onde fez diversas famílias viveram na rua, ou em residências insalubres.

Na obra o Victor Hugo apresenta com detalhes toda a situação urbana da cidade. Além disso, somos apresentados por meio de inúmeros personagens à vida desses miseráveis, que por meio daquele espaço desigual lutam para ganhar a vida.

Em um trecho do romance o autor apresenta os efeitos desse crescimento populacional na cidade Paris, e onde lugares em que a contradição era percebida em cada metro quadrado:

Há quarenta anos, um caminhante solitário que se aventurava pelas remotas regiões da Salpêtrière, e que subia pelo bulevar até os lados da estrada d'Italie, chegava em lugares em que poderia se dizer que Paris acabava. Não era um isolamento pois ali passava gente, não era campo pois havia casas e ruas; não era uma cidade, pois as ruas tinham barrancos, como as grandes estradas onde o mato crescia; não era uma aldeia, pois as casas eram bem altas. O que era então? Era um lugar habitado onde não havia ninguém; era um lugar deserto onde havia alguém, era um arrabalde da cidade grande, uma rua de Paris, mais arisca a noite que uma floresta, mas triste de dia que um cemitério. Era o antigo bairro
 Marché-aux-Chevaux. (HUGO, 2014, p.473).

Julio Verne que sempre apresentou a geografia e a ficção científicas nas suas obras, também trouxe assuntos cruciais que eram debatidos no XIX, que ainda hoje mantêm diversos reflexos; as desigualdades espaciais que o colonialismo causou.

Na obra *A Volta ao Mundo em 80 Dias* (1872) ele retrata em diversos momentos os efeitos de um colonialismo Britânico pelas passagens dos personagens na Índia e Hong Kong. Em um dos trechos do romance ele mostra que o interesse pelo lucro exacerbado e a política coercitiva do colonialismo britânico de vender ópio nos territórios das suas colônias criou populações de viciados que foram levados a um estado de pobreza que refletia na desigualdade do lugar:

Fix e Passepartout compreenderam que havia entrado em um fumódromo assombrado por esses miseráveis, atordoados, emaciados e idiotas para os quais a Inglaterra mercantil vende anualmente, com um lucro de duzentos e sessenta milhões de franco, essa funesta droga chamada de ópio. São tristes esses milhões ganhos em cima de um dos mais funestos vícios da natureza humana. A desigualdade latente entre as populações viciadas e as não viciadas criava um ambiente de torpor de miséria naquela ilha. (VERNE, 2019,p.148).

Na literatura britânica temos Charles Dickens na obra *Oliver twist* (1837) que trata da temática do êxodo rural, e tem como protagonista um morador de rua convivendo e sobrevivendo às desigualdades na cidade de Londres.

Na nossa literatura diversos autores debateram as diferentes desigualdades espaciais de Norte a Sul do Brasil. Essas desigualdades refletindo aspectos regionais do País, mostra como as desigualdades espaciais são objeto de narrativas muito usadas na nossa literatura. O romance *Fogo Morto* (1943), de José Lins do Rego, tem na sua narrativa um ambiente rural no interior Paraibano mostrando toda a decadência dos engenhos antigos

para uma transição industrializada das usinas. Estando diante desse cenário somos apresentados diversos personagens de classes diferentes que por meio das desigualdades impostas por poderes rurais alguns conseguem sobreviver a essas mudanças e outros a única possibilidade é viver na miséria ou imigrar.

O José de Alencar, indianista que escreveu uma série de romances tratando o cotidiano dos tipos, urbanos quanto rurais, escreveu a sua obra mais conhecida: *O Guarani* (1857), onde mostra o índio em contato com o branco, tendo de fundo a floresta, os animais, e os primeiros vilarejos.

No sul temos o Érico Veríssimo, com a saga *O tempo e o vento* (1949-1962), que extrapola a geografia remontando ao passado. Nela encontramos a paisagem dos pampas gaúchos, e toda a relação dos imigrantes com os indígenas daquela região. As desigualdades regionais do sul do Brasil são um cenário de embates violentos entre diversas famílias e classes sociais.

Outras obras mais conhecidas da nossa literatura que segue essa mesma linha, são elas: *Grandes sertões veredas* (1956), de Guimarães Rosa, *Os Sertões* (1902), de Euclides da Cunha, *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos, entre outros..

2.3 O ROMANCE HISTÓRICO COMO OBJETO DE ESTUDO DOS GEÓGRAFOS ACERCA DOS PROBLEMAS URBANOS

A preocupação sobre imigrações, desocupação de terras, desigualdade social e econômica, continuam sendo temas dos estudos dos geógrafos. Assuntos caros que envolvem inúmeras pessoas, e são debatidos nos círculos acadêmicos, mas também na educação escolar. Dito isso, a literatura como objeto de estudo dos geógrafos, foi e continua sendo essencial para entendermos muito sobre esses assuntos presente no cotidiano.

Muitos poetas e romancistas em geral usaram temas citados acima como método central ou secundário para desenvolver as suas narrativas. É além disso, baseiam muito das suas histórias em acontecimentos históricos contemporâneos aos autores ou um pouco anterior a eles. Esse tipo de narrativa chamado romance histórico é visto da seguinte maneira, segundo Azevedo (2008):

Ressurge no século XX, surpreendentemente, com uma nova roupagem, pois faz uma leitura da história com muito mais liberdade

e aproxima a verdade e a verossimilhança. Com isso, o romance histórico se vale da verossimilhança ficcional para fazer crítica à própria história e, por meio dela, talvez, alcançar uma verdade que os historiadores sempre conseguiram construir de forma mais burilada. Ao final desse século, observou-se por parte dos autores de ficção, um crescente interesse pela retomada da temática histórica, fazendo com que o romance histórico domine a cena literária. (AZEVEDO, 2008,p.22)

Essa verossimilidade ficcional foi trazida no romance, *“As vinhas da Ira”* (1939), do escritor norte americano John Steinbeck. Na obra acima o autor narra a história de uma família de pequenos agricultores, que devido a seca no meio oeste americano, e a mecanização do trabalho rural, é expulsa das suas casas e das terras onde trabalham, para ir em busca de trabalhos na costa oeste dos EUA, precisamente a Califórnia. Segundo Berno (2014):

A produção literária de John Steinbeck (1902-1968) dos anos 30 estava visceralmente ligada a um longo processo histórico cujos desdobramentos culminaram na Grande Depressão. (...) Steinbeck construiu uma leitura histórica que buscou interpretar, denunciar e retratar os problemas postos pela evolução histórica estadunidense, cujos desdobramentos eram, em grande medida, o gradativo aumento da hegemonia do capitalismo monopolista e suas ramificações por sobre os mais diversos rincões da vida social do país. (BERNO,2014, p.136).

Nesse pano de fundo histórico, o autor por meio da família Joad vai mostrando de forma visceral todos os problemas socioeconômicos dos EUA anos que antecederam a grande depressão. Algumas delas são mencionadas por alguns dos personagens, e outras são narradas pelo o autor. Abaixo iremos conferir algumas dessas passagens do romance, onde a identificação de diversas vicissitudes que o autor observou, continua sendo vista nos dias atuais.

A problemática inicial que podemos retirar do romance é a expulsão da família Joad das terras onde vivem e trabalham:

(...) “Cê sabe como é isso. Bem os donos das terras disseram: nós não podemos continuar como meeiros. E disseram: o que os meeiros levam é justamente o lucro que a gente não pode perder. E disseram ainda: nem juntando todas as terras a gente tira lucro. Então mandaram os trator, que expulsaram todo mundo e arrasaram as casas.” (STEINBECK, 2020,p. 58).

Na fala de uns dos personagens podemos observar que o autor expõe algo muito visto atualmente que é a potencialidade dos lucros, mesmo que isso ocasione diversos sofrimentos para muitas famílias. O outro trecho para ser pontuado é a família Joad estava sendo expulsa das terras onde trabalhavam a anos, e os donos dessa terra não se responsabilizam pelos atos. É identificado também a influência dos bancos nessas expulsões:

Os donos não queriam assumir a responsabilidade dos atos dos bancos ou das companhias, porque estes eram os patrões e, ao mesmo tempo, máquinas de calcular, e eles não passavam de homens a escravos. Alguns donos tinham orgulho de ser escravos de patrões frios e poderosos. E, sentados em seus carros, explicavam tudo aos arrendatários dizendo: vocês sabem, estas terras são pobres, não dão mais nada; vocês já as revolveram bastante e agora não dão nada, Deus é testemunha.(STEINBECK,2020,p. 40).

Essa constatação é uma parte de um todo maior, na qual percebemos que a realidade e o modo de vida dos ex-pequenos e médios proprietários se tornou passado e está sendo substituído por modernos e agressivos processos de produção agrícola. Essa realidade encontra-se minimamente caracterizada quando Steinbeck descreve o que se tornava o gerenciamento, o trabalho e a estrutura do campo. Ao mostrar como os bancos, os algarismos e as máquinas de calcular passaram a dominar a produção, o autor trazia para a descrição da realidade elementos típicos do capitalismo monopolista, regime no qual o dono das terras, pela extensão e natureza de sua dominação, não trabalha na terra, mas a administrar à distância.

O autor retrata também a realidade de imigrantes em novos lugares, e como a ilusão destes é levada a crer em grandes oportunidades de empregos. Veja um exemplo abaixo de um trecho da obra, onde os personagens chegando na Califórnia se depara com essa ilusão de disponibilidade de empregos, mas no final entende se um interesse por trás:

(...) Tem aqui uma fazenda de pêssegos, grande como o diabo, onde tenho trabalhado. Precisa de nove homens só, durante todo o ano. (...) Mas precisa de três mil homens durante duas semanas, quando os pêssegos ficam maduros. (...) Então o que eles fazem? Distribuem impressos por toda a parte. E aí, precisam de três mil homens e vêm seis mil. E eles têm os homens pelo ordenado que querem pagar a eles. Se você não quiser aceitar o que

eles pagam, que vá para o diabo, tem mil outros que esperam pelo teu trabalho.. (STEINBECK, 2020, p.332).

O movimento retratado em “As vinhas da ira”, portanto, não é somente deslocamento físico-geográfico, mas o deslocamento sócio histórico. Esse deslocamento pode ser a nível global, mas também a nível local como é registrado no romance de Steinbeck.

Para concluir, o autor mostra a realidade das moradias desses imigrantes; Muitos deles sem acesso a uma moradia, salários dignos, e oferta de trabalhos indisponíveis, viviam em vagões de trens ao longo da estrada:

Os vagões de carga, em número de 12, estavam alinhados um atrás de outro num terreno baldio de pequenas dimensões à margem do riacho. Eram duas fileiras de seis vagões cada uma, cujas rodas tinham sido desmontadas. Pranchas serviam de acesso às largas portas de correr dos vagões, que tinham sido transformadas em boas moradias impermeáveis, sem fendas, capazes de abrigar 24 famílias ao todo, sendo uma família em cada metade do vagão. Não havia janelas neles, mas as portas largas permaneciam sempre abertas. Em alguns vagões havia lona estiradas como linha divisória entre as duas famílias, enquanto em outros somente a posição da porta servia como limite. (STEINBECK,2020, p. 526).

O romance de Steinbeck contempla diversos assuntos que os geógrafos se debruçam a estudar nos mais variados espaços geográficos. Às reflexões que são trazidas por meio da prosa, desenvolve ao leitor uma compreensão mais próxima da realidade social do seu cotidiano.

Como foi mostrado acima, -romances históricos- algumas obras ficcionais se baseiam em acontecimentos da sua contemporaneidade para desenvolver as suas narrativas, isso não foi diferente na obra de Aluísio de Azevedo, *O Cortiço* (1890). Por isso é importante entender o contexto histórico e social da época em que a obra foi escrita e publicada.

Diante das transformações ocorridas nos séculos XIX e XX, para uma caracterização da urbanização brasileira, faz-se necessário enfatizar o surgimento das primeiras cidades, como se comportavam os mais diversos aglomerados urbanos. É notório que a urbanização alcança novo patamar, no ponto qualitativo e quantitativo. A partir do desenvolvimento urbano, seguida a revolução demográfica no final do século XIX, obteve-se uma urbanização aglomerada, segundo Milton Santos na obra *Urbanização*

Brasileira (1993):

Ocorrendo um aumento significativo da população que ultrapassou os 20.000 habitantes que por sua vez originou uma elevada concentração urbana, levando a multiplicação de cidades de variados tamanhos, possibilitando o estágio de metropolização, com o aumento do número de cidades e fortalecimento de poder aquisitivo. (SANTOS, 1993,p.20).

O crescente processo de urbanização é problema que desencadeia outros, pois tal processo faz surgir o aumento do desemprego, emprego mal pago, e péssima condição de moradia.

É nesse cenário que é desenvolvida a narrativa do romance. Com a falta de moradias adequadas para as pessoas, os moradores do Rio de Janeiro, onde se passa a história, são obrigados a viver nos cortiços que eram de péssimas condições. Veja abaixo um trecho do romance, onde são retratadas:

Daí a pouco, em volta das bicas, era um zunzum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. Uns, após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio d'água que escorria da altura de uns cinco palmos. O chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre a coxas para não as molhar: via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço, que elas despiam, suspendendo o cabelo todo para o alto do casco; os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pelo, ao contrário metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com forças as ventas e as barbas, fossando e fungando contra as palmas das mãos. As portas das latrinas não descansavam, era um abrir e fechar de cada instante, um entrar e sair sem tréguas. Não demoravam lá e vinham ainda amarrando as calças ou as saias; as crianças não se davam ao trabalho de lá ir, despachavam-se ali mesmo, no capinzal dos fundos, por detrás da estalagem ou no recanto das hortas. (AZEVEDO, 2012, p, 38).

Na obra os relatos de condições desumanas que os personagens vivem, é na verdade um espelho do que ocorria na cidade do Rio de Janeiro na época. A falta de lugares para viver de forma humanamente adequada, levariam as pessoas a procurarem locais insalubres para sobreviver com a sua família.

Por meio desse Romance podemos identificar uma série de problemas que os geógrafos se debruçaram também a estudar, onde ainda hoje é uma reflexo nas grandes cidades Brasileiras; a falta de moradias adequadas levou a ocupações insalubres e marginalizadas em determinados locais dos grandes centros urbanos

3 URBANIZAÇÃO, ENSINO DA GEOGRAFIA E LITERATURA: O ROMANCE “ HOMENS E CARANGUEJOS (JOSUÉ DE CASTRO) COMO SUPORTE DIDÁTICO.

3.1 LEGISLAÇÃO DA MORADIA : UM PANORAMA CONTEMPORÂNEO ACERCA DOS DESABRIGADOS E DAS OCUPAÇÕES

O direito à moradia digna foi reconhecido e implantado como pressuposto para a dignidade da pessoa humana, desde 1948, com a Declaração Universal dos Direitos Humanos e, foi recepcionado e propagado na Constituição Federal de 1988, por advento da Emenda Constitucional nº 26/00, em seu artigo 6º, *caput*: “Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.”

Claro está, portanto, que o Estado tem o dever de proporcionar, tanto de forma direta quanto indireta que todos tenham acesso a uma moradia digna e adequada, pois ventila o artigo 1º da Constituição Federal de 1988 que: “A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos: III – a dignidade da pessoa humana.”

Observamos que tanto a declaração de direitos humanos em 1948, como a nossa constituinte Brasileira de 1988 assegurou o direito à moradia digna. Mas esse direito da população é responsabilidade do poder público também é posto nas leis estaduais e municipais da cidade, especificamente falando da cidade do Recife.

Lei municipal Nº 18.863 de 29 de novembro de 2021 trata sobre o plano municipal para elaboração de habitações de interesse social da cidade do Recife. Esse dispositivo assegura que o poder público do município desenvolva projetos de moradia social adequadas políticas públicas de saneamento básico para essas moradias, e solucione os problemas de moradores de ruas na cidade.

A lei federal e municipal dá esse direito de moradia para as populações, e além disso, temos no âmbito da gestão municipal um órgão que é responsável para solucionar esse problemas citado problema citado acima, ela se chama”

Secretaria de Habitação da cidade do Recife”.

Essa secretária ressalta as suas funções da seguinte forma:

A Secretaria Executiva de Políticas Habitacionais é a unidade responsável por coordenar, acompanhar e avaliar, além de formular e propor, os instrumentos para a execução da Política Municipal de Habitação de Interesse Social, em articulação com as demais políticas públicas e instituições voltadas ao desenvolvimento urbano, com o objetivo de promover o acesso à moradia. É responsável pela coordenação de novos projetos e obras de moradias, de reformas de prédios subutilizados ou desocupados, em áreas centrais, de projetos integrados de urbanização de favelas, bem como, a coordenação de programas e projetos que visem ampliar o acesso à moradia digna. (RECIFE, 2022).

Esse órgão municipal tem a sua disposição ferramentas legais, mas também condições tecnológicas de mapear via geoprocessamento áreas de habitações precárias, e também áreas de riscos. Mas na prática essa realidade é bem diferente.

A reportagem do “Brasil de fato”, mostrou o levantamento feito pelo “Despejo zero”, onde mostra o crescimento de famílias desabrigadas no Brasil:

Entre março e agosto de 2020, nos primeiros meses da emergência em saúde, um total de 6.373 famílias ficaram desabrigadas. Agora, de acordo com balanço da Campanha Despejo Zero, com dados apurados até fevereiro de 2022, esse número saltou para 27.618 famílias. Além disso, outras 132.291 famílias seguem ameaçadas de despejo em todo o país, um aumento de 602% na comparação com março de 2020, quando 18.840 famílias estavam em risco de perder suas casas. (VILELA, 2022).

O estado de Pernambuco não fica para trás, segundo o "Diário de Pernambuco" em uma das suas reportagens, mostrou um levantamento que Pernambuco: "[...] é o terceiro estado do Brasil com a maior ameaça de despejos, 2.000 famílias foram ameaçadas". (PERNAMBUCO,2022).

Entre esses inúmeros despejos fica nítido o aumento durante o período da pandemia de covid 2020-2022. Pela falta de apoio do poder público, que legalmente deveria ser responsável, fizeram famílias construir “casas” em várias ocupações no Recife em busca de dignidade da moradia prometido pelas leis constituídas. Outras foram viver nas ruas nos bairros centrais do Recife.

Entre essas comunidades que surgiram ao longo da pandemia em busca de moradia temos a comunidade “Chico Lessa” na zona oeste do Recife na margem da BR 101 Norte. Comunidade essa que abriga inúmeras famílias em busca de soluções dos poderes públicos. Curiosamente essa fica às margens do rio Capibaribe, mas distante daquele cenário de mangue que estamos acostumados a ver.

Temos a comunidade “Caroline de Jesus” no bairro do bairro localizado nas margens da BR 101, só que dessa vez ao Sul. Segundo a matéria do Jornal “Diário de Pernambuco”:

Cerca de 250 famílias ocuparam, em fevereiro de 2017, um terreno sem uso ao lado do Terminal Integrado de passageiros do Barro. A área de 12 mil metros quadrados pertence ao Governo de Pernambuco, que, na época, pretendia usar a terra na reforma do TI Barro, como parte das obras para a Copa do Mundo 2014. (FONSECA, 2022).

Problemas de moradias se agravaram no Recife durante o período de pandemia, mas problemas do passado ainda vigora no Município, entre elas as palafitas no rio Capibaribe.

3.2 IDENTIFICAR OS MOTIVOS QUE LEVARAM OS FLUXOS DE PESSOAS A OCUPAR AS MARGENS DO RIO CAPIBARIBE, E A SITUAÇÃO NO ANO DE 2022

Segundo Flaubert; “História é a profecia olhando para trás”. A geo-história tem uma missão de justamente olhar “para trás”, mas incorporando elementos espaciais que a ciência geografia trabalha. Se formos olhar os diversos problemas humanos do mundo atual sem compreender o passado, ficamos sem compreender a gênese daquilo que iremos estudar, e também sem a possibilidade de oferecer soluções adequadas que ela exige. Além disso, se atentarmos para a frase citada acima do romancista Francês, entenderemos que os problemas do passado poderá se repetir de forma quase idêntica, ou até mesmo semelhante ao que ocorre nos dias atuais, como um aviso, ou melhor dizendo uma profecia.

O Recife ergue-se quase dentro da água. Uma cidade anfíbia, como Amsterdã e Veneza. Veja abaixo um pouco dessa característica físico-geográfica dessa cidade

A cidade assenta nas terras baixas de uma extensa planície aluvial constituída de ilhas, penínsulas. alagados. mangues e paúis, envolvidos pelos braços dos rios que Já se espriam remansosos pela planície.

Essa cidade que foi nos tempos da ocupação Holandesa um dos maiores centros econômico do Brasil teve seu auge de formação urbana também nesse período:

Os holandeses que vieram para cá vieram eram homens da cidade, urbanos, cosmopolitas, em sua maioria judeus vítimas de perseguição religiosa. O espírito urbano holandês instalou-se no Recife primitivo que nascia para atender ao porto. Os flamengos, com as pontes, palácios de Nassau, homens ilustres como os da comitiva do conde, planos de urbanização, etc. transmitiam à aldeia a consciência , e o status de cidade. A pressão demográfica, e a prosperidade econômica e aquele, fizeram crescer a planície do Recife, que sobrepujou todas as vilas da capitania e se tornou capital. (ALBUQUERQUE, 2005, p. 58)

Porém, com o passar dos anos com a expulsão dos holandeses, a decadência do comércio do açúcar no mercado externo, fez com que a cidade entrasse em uma decadência urbana. Segundo Arrais (2004):

O declínio do poder de influência das elites locais desde o início do regime republicano, seguido de um processo de industrialização sem pujança suficiente para inserir Pernambuco num mercado nacional em formação, associado ao processo de estagnação da indústria do açúcar e à descapitalização crescente da economia da região sob sua influência tudo isso ressoa negativamente na capital do Estado de Pernambuco. A cidade revelar-se-á sensível ao fenômeno que doravante assumirá uma gravidade que a colocará no centro das atenções da sociedade: a pobreza urbana (ARRAIS, 2004, p. 46).

Mas Recife ainda era no século XIX uma “terra prometida”, e seus encantos fez se chegar às populações que viviam no agreste - afetado pelo declínio dos engenhos- e também no sertão, em decorrência da seca:

Seu canto chegou à zona rural de Pernambuco, e encantado, o homem do campo que em princípio só deixava a sua terra quando sob o flagelo da seca, agora o fazia buscando a infraestrutura que sua terra lhe negava. E o Recife, florescente capital do Nordeste, atraía carregamentos humanos de toda a região. Uma verdadeira-falsa terra Prometida. (ALBUQUERQUE, 2005, p.60)

Temos o aumento sistemático da pobreza, com a chegada de milhares de novos moradores vindos das áreas de produção de açúcar que estavam em decadência, indo morar

nas áreas mais afastadas da cidade, dando origens a aglomerações de mocambos, que passaram a caracterizar a fisionomia da cidade:

Num centro escassamente industrializado, muitos indivíduos sobreviveram atolados nos mangues, pegando caranguejos, vendendo roletes de cana, submetendo-se à exploração, por vezes brutal, dos serviços domésticos e alojando-se, antes das reformas da segunda década século [XX], em casebres, mucambos ou cortiços do velho bairro do Recife, quando não em becos escuros ou sob o teto das pontes (ARRAIS, 2006, p. 30).

A cidade crescia às pressas, desordenadamente, e aos que vinham de longe, "de terras distantes em busca de um pedaço de chão desocupado onde deitar raízes [...] retirantes das secas, tangidos pelo vento de fogo do sertão." (CASTRO, 2001, p.38).

No Brasil, a política de terras dava margem tanto para os particulares comprarem terras que não lhes pertenciam, como também, para que se ocupassem terras sem nenhuma formalidade. No Recife o sistema de "invasões" ocorria principalmente nos alagados, fato que se dava pacificamente antes da grande valorização das terras.

Inúmeros fatores contribuíram para o grande número de compras de terrenos de marinha e sobre os mangues do Recife:

O interesse de certas indústrias ou comércio que se localizaram às margens das áreas banhadas pelas águas salgadas. Assim, poderiam receber e embarcar os produtos e mesmo expelir os resíduos imprestáveis do seu fabrico e comércio. A venda de madeira dos mangues para aproveitamento nos costumes e nas grandes fornalhas ou mesmo nos lares mais modestos também despertou o desejo de comprar dessas terras enlameadas. Houve, ainda, os aforamentos para formação dos "viveiros" cujas curimãs* e camurins*, neles criados, têm um sabor inigualável e aqueles que se fizeram para obter sítios onde existiam coqueiros, cajueiros e mangabeiras. É certo que alguns indivíduos, perceberam com grande antecedência, que a valorização destas terras chegaria mais cedo ou mais tarde. Valeram-se, por isso, da sua posição social e financeira e aforaram-se ou ocuparam grandes áreas. Crescia então a cidade. Abriam-se ruas e avenidas e estradas. Faziam se aterro, invadindo se os mangues e disputando até com sangue as terras alagadas do recife. (BEZERRA,1965, pp. 38.39).

Surgiram assim os mocambeiros nas margens do rio Capibaribe. Muitos deles vindo do interior do estado, e outros dos estados vizinhos do Pernambuco:

"Sobrecarregada a planície, a valorização da terra e dos mangues ocorreu como um acontecimento natural, bom negócio aterrar mangues e loteá-los ou mesmo loteá-los sem aterrar. Essa atividade cabia ao mocambeiro, foi ele quem de fato inventou o espaço do Recife, que beneficiou a área com suas casas de palha, tábuas ou pau a pique. Vindos de longe, com poucas ou nenhuma posse, os alagados se mostravam como única saída. (BEZERRA, 1965, p.40).

Esses mocambos que trabalhavam nesses aterramentos, vindo de longas distâncias, não havia onde residir, e as poucas possessões que tinha não dava para alimentar as famílias. Com isso a margem do rio, os mangues, foram sendo além das suas residências, o meio de subsistência. "Só o mangue e o mocambo estavam a altura de suas posses. [...] No mangue não se paga casa, come-se caranguejo e anda-se quase nú". (CASTRO, 2001. p.99).

Morar nos alagados mostrava-se extremamente estratégico. O rio não era apenas um aspecto pitoresco da paisagem do Recife, como talvez seja hoje, configurava-se como um elemento de importância social, cultural e econômica. As margens do Capibaribe eram amplamente valorizadas, a cidade erguia-se nas suas cercanias, as casas tinham a frente voltada para o rio, o rio servia como via de comunicação urbana, como espaço de lazer com seus vários sítios de banho. Ora, "morar no rio" era estar na cidade, integrar-se a ela, fazer parte estando perto, tanto para os moradores mais abastados, mas também para os que viviam nas margens do rio. A precariedade da casa era camuflada pela infraestrutura do entorno, onde estes moradores trabalhavam: na atividade doméstica -nas casas ricas ou na execução de pequenos serviços.

Essas relações intrincadas entre esses "dois mundos", influenciou em acontecimentos futuros em relação a futuras desocupações feitas pelo estado nas áreas à margem do rio:

Daí porque, quando a redefinição do espaço urbano trouxe a valorização de tais áreas, ou quando projetos governamentais implicavam na expulsão de seus moradores, uma forte resistência surgia. Pois a mudança de moradia, mesmo que para casa de melhor padrão, significava a distância das fontes de emprego e sobrevivência mais imediata e a oneração do custo de transporte, e antes em certos casos, até inexistente. (BERNARDES. 1996. p 135).

Os mocambeiros fixaram-se naquelas terras, enraizados como os mangues, trazidos pelos rios, em busca de uma vida melhor. Ora, eles não construíram apenas as suas próprias casas, eles eram também, os inventores daquele espaço, do chão que ocupavam.

Mas ao mesmo tempo em que os oferecia casa e comida, O mangue os consumia, lhes roubava a alma. Aos poucos, atolando lentamente, os homens iam se juntando aos caranguejos, se misturando à lama. Josué de Castro descreveu esse processo como "O Ciclo do caranguejo" :

Os mangues do Capibaribe são o paraíso do caranguejo. Se a terra foi feita para o homem, com tudo para bem servi-lo, também o mangue foi feito especialmente para o caranguejo. Tudo aí, é, foi ou está para ser caranguejo, inclusive a lama e o homem que vive nela. A lama misturada com urina, excremento e outros resíduos que a maré traz, quando ainda não é caranguejo, vai ser. O caranguejo nasce nela, vive dela. Cresce comendo lama, engordando com as porcarias dela, fazendo com lama a carinha branca de suas patas e a geléia esverdeada de suas vísceras pegajosas. Por outro lado o povo daí vive de pegar caranguejos, chupar-lhe as patas, comer e lambe os seus cascos até que fiquem limpos como um copo. E como a sua carne feita de lama, fazer a carne do seu corpo e a carne do corpo de seus filhos. São cem mil indivíduos, cem mil cidadãos feitos de carne de caranguejo. O que o organismo rejeita, volta como detrito, para a lama do mangue, para virar caranguejo outra vez. (CASTRO, 2001, p.13).

É o "Ciclo do Caranguejo" descrito por Josué de Castro, não cessou, ao contrário, continuou por décadas nas margens do rio Capibaribe no Recife, essa continuidade que vemos ainda nos dias atuais na construção das palafitas no mangue da cidade do Recife. Pessoas que vieram nas novas levas de imigrantes que chegaram na cidade, novas caras, de novos lugares, mas com o mesmo sonho, e acima de tudo encontrando os mesmos problemas do passado: A falta de ações do poder público para transferir essas pessoas para locais seguros e dignos.

Segundo alguns dados que se tem disponível, sobre a quantidade de moradias de palafitas na época do Josué de Castro; [...] "Havia, assim, uma associação homem-rio-caranguejo, que permitia a manutenção de uma grande massa populacional que foi se avolumando, a ponto de consistir cerca de 30% da população da cidade, em 1940". (ANDRADE, 1979, p. 94). E nos dias atuais, quantas pessoas ou famílias vivem nessa

situação, e quais as comunidades das margens do Capibaribe que estão distribuídas esses cidadãos, vejamos abaixo.

Na reportagem feita no jornal virtual “Observatório da Metrópole” foi divulgado pela prefeitura do Recife onde mostram que: [...] “Em 2016, a Secretaria Executiva de Assistência Social do Recife tinha cadastrado cerca de 1.100 pessoas nesta condição; em 2021 esse número havia subido para quase 1.800, um aumento de 63%.” (ROCHA, 2022). Esses dados revelam um aumento acentuado na população de pessoas nessa situação. Contudo, sabemos que esses números aumentaram devido à falta de políticas públicas de moradias no período de pandemia que fez dezenas e milhares de famílias serem despejadas das suas casas.

Esses fluxos de ocupações que ocorrem nas margens do rio Capibaribe teve o seu início a mais de um século, e ainda nos tempos atuais, devido às inúmeras circunstâncias nas últimas décadas, e durante a pandemia de covid, fez com que esses números aumentasse. As duas principais comunidades que formam essas “moradias” chamadas de palafitas no ano de 2022 estão na zona sul do Recife. A comunidade do bode fica no bairro de Boa Viagem e a outra está localizada no bairro do Pina.

Essas comunidades a precariedade se acentua com a falta de higiene que dezenas de famílias são submetidas, como é relatada por uma moradora na matéria do Jornal do Commercio de Pernambuco, feita pela jornalista Katarina Moraes:

O dia a dia aqui é sofrido. Só quem sabe é quem está vivendo nessa situação. E quem está é porque está precisando, ninguém está aqui porque quer. Aluguel está caro, e quem não tem renda e vive de um auxílio, como vai construir uma casa? Então faz um barraco para ter onde dormir. [...] Sem chuveiro, uma 'cuia' auxilia no banho, que é tomado sobre um buraco que permite que a água escorra até a maré. Em muitas das palafitas, não há sequer uma divisão entre o que se chama banheiro. (MORAES, 2022).

Na comunidade do Pina que sofreu um incêndio no dia 6 de Maio de 2022, fez novamente o poder público e a sociedade em geral enxergar esse problema de palafitas no rio capibaribe novamente. Aparentemente é um problema que só é visto quando ocorrem tragédias, quando não ocorre é completamente esquecida. Muitos desses moradores que perderam as suas casas viviam com uma renda do auxílio do governo federal, mas o dinheiro era muito pouco para se manter, por isso o mangue era um ambiente para tirar o restante da

sua subsistência, como nos tempos do Josué de Castro. A reportagem é a mesma da matéria acima:

Leydiane é mais uma que traz o pão para dentro de casa por meio da venda de mariscos, atividade que sustenta grande parte da Bacia do Pina. Alguns moradores já começam o ofício dentro da barriga das mães, que, sem renda fixa, trabalham mesmo grávidas. Eu mergulho na lama para pegar, a gente nem consegue enxergar, às vezes se corta, porque tem de tudo dentro do mangue. Boto o meu [sururu] em um carrinho de mão e saio oferecendo pelas ruas. Em época de chuva, quase não tem”, conta a marisqueira, que no inverno, quando a coleta fica escassa, precisa se virar com a renda de R \$400 que recebe do Auxílio Brasil. (MORAES, 2022).

Quando estive na comunidade do Pina observei a precariedade humana que essas pessoas vivem, e me veio à mente, como um problema que existe a quase 100 anos no Recife pode continuar repetir inúmeras vezes. Muitos desses moradores que conversei nessa comunidade eram pessoas que vieram morar a partir de 2020 no início da pandemia devido ao desemprego e ao aumento dos aluguéis na região metropolitana da cidade. Em uma dessas palafitas as tábuas que sustentam a aparentemente “casa” estavam todas frágeis devido a umidade do mangue. Muitas delas se deslocavam com um simples esforço dos pés, algumas fotos nos anexos. Uma das moradoras relatou que durante as chuvas deste inverno tinha que se deslocar dentro daquele ambiente - eu não gosto de chamar de casa- de ponta de pés porque tinha medo de desabar pela alta da maré.

Esse problema sócio espacial de moradias na cidade do Recife, visto acima, é algo antigo, e que podemos debater diversos assuntos no campo da geografia. Foi notado que não foi somente um problema isolado de ocupações, mas as circunstâncias que levaram a isso, mas também os novos fluxos de pessoas que viram no mangue um espaço para se construir a sua residência, e tirar a sua subsistência. Determinante a isso a literatura oferece meios para tratar esse problema nas aulas de geografia? Veremos mais abaixo.

3.3 VERIFICAR A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA COMO RECURSO INTERDISCIPLINAR NAS AULAS DE GEOGRAFIA

Sabendo que a geografia está presente nas obras literárias, é necessário refletirmos essas duas abordagens dentro das salas de aulas: literatura como metodologia de ensino, e a aplicação da mesma nas aulas de geografia.

A educação escolar com toda a sua complexidade nas circunstâncias locais e culturais onde a escola está inserida impulsiona os professores e as pessoas que trabalham na educação em geral a desenvolver métodos para melhorar a aplicação dos conteúdos escolares, um desses métodos é a literatura.

Essa união entre diversas áreas do conhecimento é entendida por diversos autores como um desenvolvimento da interdisciplinaridade no ensino e aprendizagem. Isso vale tanto para a abordagem da literatura com a geografia, mas também diversas outras disciplinas entre si. Nas palavras de Japiassu:

Podemos dizer que nos reconhecemos diante de um empreendimento interdisciplinar todas as vezes em que ele conseguir incorporar os resultados de várias especialidades, que tomar de empréstimo a outras disciplinas certos instrumentos e técnicas metodológicos, fazendo uso dos esquemas conceituais e das análises que se encontram nos diversos ramos do saber, a fim de fazê-los integrarem e convergirem, depois de terem sido comparados e julgados. Onde poderemos dizer que o papel específico da atividade interdisciplinar consiste, primordialmente, em lançar uma ponte para ligar as fronteiras que haviam sido estabelecidas anteriormente entre as disciplinas com o objetivo preciso de assegurar a cada uma seu caráter propriamente positivo, segundo modos particulares e com resultados específicos. (JAPIASSU,1976, p. 75).

Essa incorporações e empréstimos de diversas disciplinas para o desenvolvimento em geral das ciências é vista como essencial também para fomentar novas didáticas de ensinamentos na educação em geral. Por meio disso, podemos concluir que a literatura como uma abordagem da interdisciplinaridade, pode ser útil como método de ensino para as mais variadas disciplinas do conhecimento dentro da sala de aula.

De acordo com o que pensa Morin (2001) a respeito do ensino da Literatura e da poesia, elas não devem ser consideradas como secundárias e não essenciais. A Literatura é para os adolescentes uma escola de vida e um meio para adquirir conhecimentos. As ciências sociais vêm categorias e não indivíduos sujeitos a emoções, paixões e desejos. [...] “A Literatura, ao contrário, como nos grandes versos poéticos, e nos romances, aborda o

meio social, o familiar, o histórico e o concreto das relações humanas com uma força extraordinária”. (MORIN, 2001,p.28).

A Literatura nos fala sobre problemas fundamentais do homem; o amor, a morte, a doença, o ciúme, a ambição, o dinheiro. Temos que entender que todos esses elementos são necessários para entender que a vida não é aprendida somente nas ciências formais. E a literatura tem a vantagem de refletir sobre a complexidade do ser humano e sobre a quantidade incrível de seus sonhos. Podemos, então, compreender a complexidade humana através da Literatura.

O escritor Peruano Mario Vargas Llosa na obra *A verdades das mentira* (2004) entende que a literatura extrai diversos inconformismo e as insatisfações dos indivíduos por questões que ocorrem no seus meios sociais. segunda ele:

Não se escrevem romances para contar a vida, senão para transformá-la, acrescentando-lhe algo... De uma maneira menos crua e explícita, e também menos consciente, todos os romances refazem a realidade – embelezando-a ou piorando-a... Quanto mais expressar uma necessidade geral, mais profunda a ficção será, e também quanto mais numerosa forem, ao longo do espaço e do tempo, os leitores que identifiquem, nesses contrabandos filtrados da vida, os demônios que os inquietam. (LLOSA, 2004, p.17).

Voltando para essa questão da interdisciplinaridade no ensino, na geografia é algo que deveria ser completamente natural, já que é uma disciplina que para ser compreendida precisa dialogar com outras áreas do conhecimento. Não é possível compreender um espaço sem analisar a dinâmica climática, populacional, econômica, geológica, geomorfológica, política, histórica. Milton Santos na obra *Metamorfose do espaço habitado* (1988), afirma que: “as novas atividades exigem um lugar no espaço e impõem uma nova arrumação para as coisas, uma disposição diferente para os objetos geográficos, uma organização do espaço diferente daquela que antes existia”. (SANTOS,1988,p.80). Assim o espaço é produzido pelas diferentes ações e práticas sociais dos indivíduos, que o modificam através do trabalho e da tecnologia em função de suas necessidades sociais, econômicas, políticas e ambientais.

Uma das contribuições que a Literatura pode oferecer ao ensino de Geografia são os subsídios para a desconstrução da educação tradicional que ainda vigora nas aulas de Geografia. Muitas vezes, a metodologia utilizada pelo professor ao passar os conteúdos para

os alunos é unicamente o livro didático, instrumento de trabalho presente na escola e muitas vezes o único disponível — não que ele não seja importante, mas não pode ser o único instrumento para o docente e discente. O livro didático é idealizado como objeto primordial para aprendizagem. Dessa forma, os importantes conceitos geográficos tornam-se subjetivos e apenas conceituais, pois, muitas vezes, distanciam-se da realidade do aluno.

Em determinados casos os conteúdos sobre geografia ministrados pelos professores tornam-se objetos que não extrair atenção ou alguma proximidade social que aqueles alunos vivem. Claro que é importante que o educador desenvolva a capacidade dos alunos em refletir em assuntos a nível global, principalmente os professores de geografia. Contudo, se queremos que os alunos compreendam diversas problemáticas ao redor dos vários Países pelo mundo, precisamos capacitar esse olhar crítico para as atividades espaciais dentro da sua cidade, e até mesmo para o bairro onde ele reside.

A interdisciplinaridade nas aulas de geografia contribui para realização de uma ponte entre as áreas do conhecimento, formando um leque de opções que podem ser usados para enriquecer o ensino, tanto metodológica como cientificamente. A interdisciplinaridade contribui para que o aluno consiga compreender através da ligação com as outras ciências, a sua realidade e os outros assuntos pertinentes em qualquer abordagem, seja social, cultural ou econômica. Referente a isso, Araldi (2000), diz: “que a importância de construir um ensino interdisciplinar reside na integração do ensino à realidade, formando alunos capazes de compreender a sociedade da qual fazem parte como sujeitos.” (ARALDI, 2000, p. 75).

Dessa forma, a Literatura, por relatar os mais diversos aspectos da vida do homem, torna-se uma importante aliada ao ensino da Geografia por também ser um caminho para a compreensão da relação que o homem obtém com o espaço, mas precisa estar integrada com esta disciplina.

É salientado que os Parâmetros Curriculares Nacionais (2017) destacam a importância de se utilizar os clássicos da Literatura no ensino de Geografia, assim o documento afirma que:

Para fazer a leitura do mundo em que vivem, com base nas aprendizagens em Geografia, os alunos precisam ser estimulados a pensar espacialmente, desenvolvendo o raciocínio geográfico. O pensamento espacial está associado ao desenvolvimento intelectual que integra conhecimentos não

somente da Geografia, mas também de outras áreas (como Matemática, Ciência, Arte e Literatura). Essa interação visa à resolução de problemas que envolvem mudanças de escala, orientação e direção de objetos localizados na superfície terrestre, efeitos de distância, relações hierárquicas, tendências à centralização e à dispersão, efeitos da proximidade e vizinhança etc. (BRASIL, 2017, p. 361).

A Base Nacional Comum Curricular possibilita que os professores de geografia usem a interdisciplinaridade da literatura para fins de explicações e atividades nas salas de aulas. Atividades essas que irão desempenhar uma função de instigar a análise crítica dos estudantes sobre determinados problemas espaciais que o professor estará sugerindo para os trabalhos dos alunos.

As reflexões obtidas apontam a importância de haver a diversificação de metodologias para compreensão do espaço geográfico na sala de aula, aproximando-se cada vez mais da realidade do aluno. Faz-se necessário instigar o olhar crítico do aluno à sociedade em que vive, pois, segundo Tomita (1999), “[...] é importante que estimule o educando a indagar-se o porquê das coisas para o mesmo não se conformar com a simples situação dos fatos, mas partir uma análise criteriosa com uma visão crítica.” (TOMITA, 1999, p. 55).

As contribuições que a Literatura oferece ao ensino de Geografia são múltiplas, pois proporciona diversas atividades que ainda são pouco exploradas no ensino básico. Assim como também, cria oportunidades de enriquecer o convívio social e tornar a disciplina mais atrativa.

Estimular o pensamento crítico acerca da sociedade em que vive, criar percepções sobre as transformações das diferentes paisagem do Brasil e consideramos que o relato dos textos literários pode nos auxiliar neste processo, acentuando a compreensão do contexto em que as histórias se sucederam e assim, entender como os espaços geográficos se criam e recriam e como se dão as relações sociais, naturais e econômicas do local estudado. Consequentemente, tornar o ensino de Geografia mais lúdico, crítico, reflexivo e principalmente mais atrativo.

3.4 JOSUÉ DE CASTRO E O ROMANCE “HOMENS E CARANGUEJOS”

O geógrafo Yi-fu Tuan registrou que as obras literárias podem fornecer: “informações detalhadas e minuciosas de como os seres humanos percebem seus mundos.” (

TUAN,1980,p.56). Além disso, sugeriu três possibilidades de análises utilizando a literatura: 1º como instrumento de reflexão sobre a experiência humana; 2º documentos capazes de revelar percepções ambientais e valores culturais; e 3º elementos de equilíbrio entre o subjetivo e o objetivo para constituir-se uma síntese geográfica.

Por meio dessa premissa, mostrarei um romance histórico da nossa literatura que por meio de elementos geográficos relataram a problemática central deste trabalho. Essas obras ainda poderão desempenhar um papel pedagógico para os professores da ciência geográfica nas aulas que tratam temas como: Urbanização, moradia, meio ambiente, êxodo rural e etc.. Antes de tratarmos sobre o romance, é importante conhecer um pouco o autor, e entender o contexto e os motivos que levaram a pensar e desenvolver essa obra.

Josué de Castro Nascido (1908 - 1973) nasceu em Recife de uma família de classe média de origem sertaneja, Josué de Castro estudou as primeiras letras com a própria mãe, professora primária, fazendo os preparatórios no Instituto Carneiro Leão e no Ginásio Pernambucano. Sua obra mais prestigiada é "Geografia da fome", publicada em 1946. Nele, desmascarou o grande problema nacional, ou seja, o peso da fome no subdesenvolvimento brasileiro, mostrando-a não como causa, mas como consequência do processo de colonização a que o país fora submetido. Como geógrafo, Josué de Castro desenvolvia suas observações em várias escalas, preocupando-se tanto com o local quanto com o regional, o nacional e o internacional. Como salientou John Kenneth Galbraith (1996):

[...] ele sempre que voltava ao Recife, sua cidade natal, procurava ir aos bairros pobres e ver como viviam os moradores dos mocambos, nos mangues. Refletia e discutia o problema da população que morava em palafitas sobre as águas, tornando o tema assunto de um dos seus últimos livros (1967). cremos que adotou a forma de romance, e não de ensaio, para ter maior liberdade em se expressar e também, talvez, por acreditar que um romance teria maior divulgação e influência.
(GALBRAITH,1996,p.50).

O romance que Josué de Castro escreveu foi *Homens e Caranguejos* (1967), que relata o dissabor de famílias de imigrantes que fugindo da seca do sertão, fome e expulsão das suas terras, vieram procurar uma alternativa no Recife. Essa alternativa foi viver nas margens do Capibaribe, construindo suas casas no mangue e se misturando a ela, "[...] E

como a sua carne feita de lama, fazer a carne do seu corpo e a carne do corpo de seus filhos”, (CASTRO, 1967,p.13).

Depois de entendermos algumas circunstâncias que levaram o Josué de Castro a escrever sobre os moradores ribeirinhos do rio Capibaribe, iremos logo mais abaixo trazer recorte de algumas dessas obras. Onde mostrará que a literatura como metodologia de ensino nas aulas de geografia, possibilita diversas reflexões, inova na didática em sala de aula, e desenvolve um “gatilho” para fazer com que os estudantes tenham um interesse pelo hábito da leitura.

O romance histórico de Josué de Castro “Homens e Caranguejos”, é uma obra da nossa literatura Brasileira que pode ser usada como material didático nas aulas de geografia. O entendimento sobre: moradias, urbanização nas grandes cidades, êxodo rural, e o meio ambiente, fazem parte do romance do escritor Pernambucano. Além disso, para um entendimento didático de um problema visível da cidade - estudantes do Recife-, a obra continua atual para os dias atuais, devido aos novos fluxos de pessoas vivendo nas margens do Capibaribe.

A obra de Josué de Castro é dividida em treze capítulos, e tem como protagonista o menino chamado João Paulo. Uma diversidade de personagens se apresenta durante a narrativa, onde será de fundamental importância para as diversas situações que o protagonista irá passar. Na primeira parte do romance, o narrador apresenta todo o cenário principal da história, a paisagem, e as moradias no mangue chamados de mocambos:

Para a chuva com a saída do sol e à luz do dia, surge nítida esta estranha paisagem do charco, mistura incerta de terra e de água povoada de estranhos seres anfíbios, os homens e os caranguejos que habitam os mangues do rio Capibaribe. Por sobre esta paisagem lamacenta que agora vibra sob a luz violeta dos trópicos, refletida nos grandes espelhos d'água da maré, perpassam sons agudos e insistentes. São os apitos das fábricas impacientes chamando gente para o trabalho, acordando os seus operários que vivem nos bairros pobres de Afogados, de Santo Amaro, da Ilha do

Leite e os mocambos que ainda dormitavam, despertam com êstes apitos, uns mais agudos, mais violentos, outros mais graves, mais ronceiros. Começa a ferver de vida o bairro dos mocambos, como se fosse o próprio mangue fervilhando de caranguejos. (CASTRO,2001,p. 29).

Em outro trecho o narrador mostra a situação da maré alta nessas moradias, onde o protagonista se vê “ilhado”. Essa mesma situação ocorre nos dias atuais com várias famílias que vivem nas margens do Capibaribe:

João Paulo salta do leito e abre a porta dos fundos do mocambo. O sol bate em cheio no seu rosto magro, moreno, de maçãs salientes. Com seus olhos negros e profundos ele contempla embevecido a maré que nesta hora da enchente avança até a porta do mocambo. O sol borda as manchas barrentas do mangue com uma franja prateada, tecida de pequenas placas luminosas. João Paulo avança de água a dentro desmanchando com os seus passos a franja luminosa e ondulante. Pára com a água à altura dos tornozelos e faz pipi dentro d'água. (CASTRO, 2001, p. 31).

Os antigos mocambos, que hoje são chamados de palafitas, é o cenário central de toda a narrativa do romance. Seja em mostrar a insalubridade, mas também, como vai ser visto abaixo, no questionamento de se estar morando ali nas margens do rio, entre os mangues do Capibaribe:

[...] Com a boca cheia de carne branca de caranguejo, João Paulo pergunta: Pai, por que a gente veio morar aqui no mangue. Porque quando viemos do interior foi aqui que encontramos a nossa terra da Promissão, o nosso "paraíso", responde Zé Luís com uma voz tranquila. "Paraíso dos caranguejos", acrescenta em tom de revolta a mãe de João Paulo. Mas, por que aqui no mangue, por que não fomos morar na cidade, do outro lado do mangue? Lá é tão bonito, tão diferente, é como se fosse um outro mundo. (CASTRO, 2001, p. 32).

Esse contraste é inserido pelos personagens adultos. João Paulo, uma criança que está descobrindo o espaço em que vive, vai sendo construído a perceber as diferenças sociais na cidade que vive. Mas também, em alguns momentos do romance, o autor coloca o protagonista a perceber o contraste da onde ele nasceu, e onde ele vive naquele momento:

Cansado da carreira, João Paulo para mais adiante para respirar e da beira do charco contempla a paisagem tranquila. Acocora-se à beira d'água e olha bem de perto os caranguejos imóveis espumando ao sol como se fossem um bando de bois ruminando no campo. São imagens dos seus primeiros anos de vida que agora lhe vêm à lembrança. Imagens do pátio da fazenda onde nascera. Do pátio descampado, com o sol quente do sertão tinindo nas pedras cintilantes e os bois parados, ruminando em silêncio, deixando escorrer lentamente de suas bocas, uma babá esbranquiçada e pegajosa parecida com a espuma dos caranguejos. As lembranças se atropelam e se confundem na sua memória. Há coisas de que João Paulo se lembra bem, como se tivessem acontecido naquele mesmo instante em que .êle contempla embevecido os caranguejos

espumando à beira d'água, mas há outras que são um tanto vagas, confusas mesmo, coisas que parecem ter acontecido não com êle mas com outra pessoa. É que João Paulo se vê, às vezes, como se fosse outro menino. O menino cujas aventuras infantis ele conhecera por intermédio das histórias que lhe contava sua mãe. As aventuras do João Paulo do sertão distante, um tanto diferente do João Paulo da cidade. (CASTRO, 2001,p. 42,43).

Continuando nessa questão da imigração do sertão para viver nas comunidades ribeirinhas do Recife, o protagonista em um determinado trecho do romance fica sabendo das motivações que levaram os sertanejos a saírem das suas casas para viverem naquele ambiente:

História de fome não é história que se conte começou Zé Luís, é só tristeza. Tristeza e vergonha. História feia. Mas, se vocês quiserem, eu conto assim mesmo. Conto a tristeza e a vergonha que a gente passou na seca de 1877. [...] Até então, a gente vivia feliz no sertão de Cabaceiras, mesmo com várias dificuldades da seca. (CASTRO, 2001, p. 72).

O relato sobre o sertão, a seca e toda dificuldade da longa caminhada, e relata pelo personagem Zé Luís. Esse trecho da obra serve de exemplo de como levou as motivações do êxodo rural do sertão, para chegada de famílias desamparadas a viver às margens do rio, mas também às margens da sociedade recifense. É o que continua sendo observado nos dias atuais.

Evocando o passado de origem, o presente paradisíaco e o futuro incerto, o ambiente em que o personagem vive invoca um tempo de possibilidades em intercessão: da utopia sonhadora, que exige do protagonista João Paulo aventurar-se pelo mundo afora das memórias compartilhadas dos personagens que ele vai conhecendo durante a obra. Esses personagens que o Josué de Castro criou, na verdade são homens e mulheres reais que ele viu e conheceu nos mangues do rio Capibaribe no Recife.

Nos últimos trechos do romance vemos que o protagonista João Paulo depara-se, pelo discurso do seu amigo Cosme, com a realidade política que está por trás de toda aquela situação que eles estão vivendo. Nesse momento o autor não tem medo de colocar as implicações políticas e socioeconômicas que levaram milhares de famílias a viverem em situações desumanas. Qualquer semelhança com os dias atuais não é mera coincidência, veja abaixo:

Ultimamente, Cosme procura explicar a João que a situação do povo está ficando cada vez mais difícil, que a fome aumenta a cada dia e que o governo não toma a menor providência. Que os políticos montados no poder só pensam mesmo em encher a pança. Mas isto tudo vai acabar. Cosme informa que está a par da tempestade que a indiferença dos potentados está semeando na terra. Muito em breve a tempestade vai se instalar por culpa deles. Por culpa dos donos da terra que não deixam os moradores cultivá-la para matar sua fome. Por culpa dos donos da fábrica que pagam aos operários um salário de fome para que possam manter seus filhos viajando pela Europa e sustentar uma penca de mulheres nos apartamentos de luxo da cidade. E por culpa principalmente do governo, que vê tudo isto — toda a pouca vergonha dos ricos e toda a miséria do povo — e finge que não vê. (CASTRO, 2001, p. 120).

O romance traz outras digressões acerca deste problema das palafitas. Mas o autor traz também uma preocupação com o ecossistema do mangue, que também pode ser um assunto onde essa obra permite apresentar a importância da preservação e o equilíbrio ambiental desta para fauna e flora.

3.5 VERIFICAR A APLICABILIDADE DO ROMANCE “HOMENS E CARANGUEJOS” SEGUNDO A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR E O CURRÍCULO DO ESTADO DE PERNAMBUCO

A inúmeras outras passagens durante o romance que revela, que: O romance de Josué de Castro tem um grandeza histórica; devido a uma perspectiva verdadeira que o autor viu na época, mas também um instrumento educacional; porque nela encontraremos uma fonte de múltiplos saberes geográfico, onde muitas vezes alguns alunos ver diariamente, viveu, ou vive. Seja na questão de moradias, imigrações internas e na questão ambiental, o romance consegue auxiliar o professor em aproximar esses temas — muitas vezes debatido com exemplos distantes — no cotidiano dos estudantes.

A obra apresentada oferece várias áreas de conhecimentos para os alunos: Histórico, literário e geográfico. Histórico, porque elas têm os acontecimentos reais como narrativas. Literário, porque irá fazer os alunos se interessar pela leitura, mas igualmente irá fazer os estudantes entenderem que a literatura não é só um meio de entretenimento, mas uma ferramenta de estudo. Geográfico, porque além de mostrar assuntos que a ciência geográfica estuda, o romance tem como o espaço e suas contradições um eixo norteador que fará o professor de geografia mostrar as inúmeras desigualdades sociais, econômicas e étnicas da

cidade. São essas contradições espaciais que a obra apresenta, voltando a lembrar - como foi mostrado no início deste trabalho — a visão que o geógrafo Milton Santos tem pelo o espaço, “O espaço é um verdadeiro campo de forças cuja formação é desigual. Eis a razão pela qual a evolução espacial não se apresenta de igual forma em todos os lugares”. (SANTOS,1978, p.122).

Como ferramenta educacional é importante mostrar, segundo a Base Nacional comum curricular, e o plano curricular do estado de Pernambuco, em que momento do ano de ensino, e em que atribuição curricular da geografia, as duas obras podem ser usadas nas aulas pelo professor.

Na unidade temática, “Natureza ambientes e qualidade de vida”, exposta pela Base Nacional na disciplina de geografia, observamos que nos anos iniciais do ensino fundamental, os diversos paralelos entre a geografia física e humana irão se unir para desenvolver análises mais contundentes a respeito dos espaços urbanos e rural:

Nessa fase final do Ensino Fundamental, pretende-se garantir a continuidade e a progressão das aprendizagens do Ensino Fundamental – Anos Iniciais em níveis crescentes de complexidade da compreensão conceitual a respeito da produção do espaço. Para tanto, é preciso que os alunos ampliem seus conhecimentos sobre o uso do espaço em diferentes situações geográficas regidas por normas e leis historicamente instituídas, compreendendo a transformação do espaço em território usado – espaço da ação concreta e das relações desiguais de poder, considerando também o espaço virtual proporcionado pela rede mundial de computadores e das geotecnologias. Desenvolvendo a análise em diferentes escalas, espera-se que os estudantes demonstrem capacidade não apenas de visualização, mas que relacionem e entendam espacialmente os fatos e fenômenos, os objetos técnicos e o ordenamento do território usado. (BRASIL,2017,p.383).

Temos o 7º ano como uma série adequada que contém habilidades disponíveis para se entender de forma mais crítica o processo de desigualdade espacial, mas também os alunos estarão aptos para compreender de forma de auto análise o romance do Josué de Castro:

No 7º ano, os objetos de conhecimento abordados partem da formação territorial do Brasil, sua dinâmica sociocultural, econômica e política. Objetiva-se o aprofundamento e a compreensão dos conceitos de Estado-nação e formação territorial, e também dos que envolvem a dinâmica físico-natural,

sempre articulados às ações humanas no uso do território. Espera-se que os alunos compreendam e relacionem as possíveis conexões existentes entre os componentes físico-naturais e as múltiplas escalas de análise, como também entendam o processo socioespacial da formação territorial do Brasil e analisem as transformações no federalismo brasileiro e os usos desiguais do território.(BRASIL,2017,p.384)

Vejamos abaixo essas habilidades que a base nacional disponibiliza neste ano escolar:

Tabela 1: Habilidades sobre “Natureza ambientes e qualidade de vida”, previsto para o segundo bimestre do 7º ano.

(EF07GE02) Analisar a influência dos fluxos econômicos e populacionais na formação socioeconômica e territorial do Brasil, compreendendo os conflitos e as tensões históricas e contemporâneas. (EF07GE03) Selecionar argumentos que reconheçam as territorialidades dos povos indígenas originários, das comunidades remanescentes de quilombos, de povos das florestas e do cerrado, de ribeirinhos e caiçaras, entre outros grupos sociais do campo e da cidade, como direitos legais dessas comunidades

Fonte: Adaptado da Base Nacional comum curricular (BRASIL, 2017).

O currículo do estado de Pernambuco entende que nos anos finais do fundamental a noção de espacialidade dos alunos precisa transpor o que eles estão aprendendo na sala de aula para a realidade cotidiana:

O processo de formação do raciocínio geográfico do estudante, nos anos finais, caracteriza-se pela necessidade de transpor ações do cotidiano, já apreendidas pelo estudante nas séries iniciais, para a criação de situações geográficas historicamente construídas. Dessa forma, o estudante vislumbra um horizonte possível como protagonista de um processo de transformação do espaço enquanto território usado - espaço da ação concreta e das relações desiguais de poder, considerando também o espaço virtual proporcionado pela rede mundial de computadores e das geotecnologias.(PERNAMBUCO, 2019,p.483).

Da mesma forma que o 7º ano na Base Nacional disponibiliza habilidades adequadas para estudar as desigualdades espaciais da territorialização Brasileira, o currículo de Pernambuco vai nessa mesma direção:

No sétimo ano do Ensino Fundamental, o estudante é direcionado a trabalhar com o conceito geográfico de Região, objetivando identificar e analisar o processo de formação do território brasileiro. [...] Espera-se que os estudantes compreendam e relacionem as possíveis conexões existentes e as múltiplas escalas de análise, bem como entendem a dinâmica socioespacial e os usos desiguais do território brasileiro. (PERNAMBUCO, 2019, p. 483).

No 7º ano na base de Pernambuco o objeto de conhecimento; “Formação do território Brasileiro”, indica uma semelhança que se ver no currículo Nacional:

Tabela 2: Habilidades sobre “Formação do Território Brasileiro”, previsto para o segundo bimestre do 7º ano.

(EF07GE02PE) Compreender e analisar a influência dos fluxos econômicos e populacionais na formação socioeconômica e territorial do Brasil, considerando os conflitos e as tensões históricas e contemporâneas, tendo como resultado arranjos espaciais (Estados/Regiões) com características culturais, econômicas e sociais distintas. (EF07GE03PE) Conhecer e selecionar argumentos que reconheçam as territorialidades dos povos indígenas originários, das comunidades remanescentes de quilombolas, de povos das florestas e do cerrado, de ribeirinhos e caiçaras, entre outros grupos sociais do campo e da cidade, como direitos legais dessas comunidades, considerando os diferentes espaços de vivências.
--

Fonte: Adaptado do currículo de Pernambuco (PERNAMBUCO, 2019).

Como foi visto acima, indica que o professor de geografia pode trabalhar a literatura como uma ferramenta de interdisciplinaridade nas aulas. Esse conteúdo da desigualdade espacial e fluxo migratório que é relatado no romance de Josué de Castro, -exemplificado

nas ocupações ribeirinhas no rio Capibaribe- é uma habilidade sugerida tanto na base Nacional, mas também na base de Pernambuco.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Espero que este trabalho seja útil para mostrar que a interdisciplinaridade pode servir de caminhos de novos métodos e didáticas educacionais. Onde a união das múltiplas capacidades das ciências, falando da geografia e literatura, potencializam uma análise crítica mais latente do mundo que vivemos.

Este trabalho também não tem a intenção de ser repetitivo sobre um assunto descrito em artigos e outros trabalhos acadêmicos, mas oferecer possibilidades aos professores e escolas de usar a literatura como ferramenta dentro das salas de aulas. Indo além, tratar nas aulas de geografia assuntos da cidade do Recife com uma literatura que ressalta aquilo que o professor está oferecendo em sala de aula.

Acredito que a academia além da capacidade de criação, por meio do desenvolvimento científico, ela tem a responsabilidade de analisar e relembrar com trabalhos acadêmicos; problemas e dificuldades que as pessoas e a cidade como um todo estão passando. Esse relembrar serve como alerta para nós cidadãos que algo precisa ser feito, e para que seja feito algo é necessário que divulgue e ensine. Para que as pessoas cobrem dos seus governantes políticas públicas para solucionar esse caso citado aqui neste trabalho.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO:

AB'SÁBER, Aziz N. **O que é ser geógrafo: memórias profissionais de Aziz Ab'Saber em depoimento a Cynara Menezes.** 1º ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

ALBUQUERQUE, Jorge de Normando. A invenção do espaço habitacional nas margens do rio capibaribe. **UFPE**, n. 1, p. 53-68, 2005.

ANDRADE, M. C. **Recife: Problemática de uma metrópole de região subdesenvolvida.** 1º ed. Recife: UFPE, 1979.

ARALDI, Adriana Rosinha. Construção do conhecimento através da interdisciplinaridade. 1º ed. Porto Alegre: Universidade/ UFRGS, 2000.

ARRAIS, Raimundo. **O pântano e o riacho: a formação do espaço público no Recife do século XIX.** 1º ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2004.

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço.** 8º ed. São Paulo: Martin Claret, 2012.

AZEVEDO, Ivete. **A expressão do tempo no romance histórico: um estudo em boca do inferno** de Ana Miranda. 2008. Tese Doutorado em Letras - Curso em Educação Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2008.

BERNARDES, Denis. Recife: **o caranguejo e o viaduto.** 1º ed. Recife: Ed. Universitária/ UFPE, 1996.

BERNO, Lucas andré. **As vinhas da ira:** A leitura histórica de Steinbeck acerca da grande depressão. Trama, n.10, p. 135-154, 2014.

BEZERRA, Daniel Uchôa Cavalcanti. **Alagados, mocambos e mocambeiros.** 1º ed. Recife: Imprensa Universitária, 1965.

BOCCHETTI, Carla. **La geografía Homérica.** Letras Clássicas, n. 9 ,p. 27-45, 2005.

BRASIL, Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

CASTRO, Josué. **Homens e Caranguejos.** 1º ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 2001.

CHACON, Vamireh. **O Capibaribe e o Recife: história social e sentimental de um rio.** Recife: 1º ed. Recife: Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco, 1959.

CLAVAL, Paul. **História da Geografia.** 1º ed. Portugal: Edições 70, 2006.

FONSECA, Matheus. Protesto por moradia interdita trânsito na BR 101, no bairro. Diário de Pernambuco, 21 fev. 2022. Disponível:
<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2022/02/protesto-por-moradia-interdita-transito-na-br-101-no-barro.html>. Acesso: 30 jun. 2022.

GALBRAITH, John Kenneth. **A sociedade justa. Uma perspectiva humana.** Rio de Janeiro: Campus, 1996.

GOETHE, Johann Wolfgang. **As afinidades eletivas.** 1º ed. São Paulo: Penguin companhia, 2018.

HOMERO. **Ilíada.** 1º ed. São Paulo: Principis, 2020.

HUGO, Victor. **Os miseráveis.** 1º ed. São Paulo: Martin Claret, 2014.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber.** 1º ed. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

LLOSA, Mario Vargas. **A verdade das mentiras.** 1º ed. São Paulo: Arx, 2004.

MELO Neto, João Cabral. **O caos sem plumas.** 2º ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

MORAES, Katarina. **Um dia nas palafitas do Recife, onde os homens vivem como bichos.** Jornal do Commercio de Pernambuco, 15 maio. 2022. Disponível:
<https://jc.ne10.uol.com.br/pernambuco/2022/05/15007509-um-dia-nas-palafitas-do-recife-onde-os-homens-vivem-como-bichos.html>. Acesso: 14 jun. 2022.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** 3º ed. Brasília: Cortez, 2001.

PEREIRA, Gilberto. **O livro das mil e uma noites e o fascínio da narrativa.** Jornal Opção, 05 maio. 2018. Disponível:

<https://www.jornalopcao.com.br/opcao-cultural/o-livro-das-mil-e-uma-noites-e-o-fascinio-danarrativa-124430/>. Acesso em: 28 jun. 2022.

PERNAMBUCO. **Pernambuco é o terceiro estado do País em ameaças de despejo na pandemia.** Diário de Pernambuco, 25 out. 2021. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2021/08/pernambuco-e-o-terceiro-estado-do-pais-em-ameacas-de-despejo-na-pandem.html>. Acesso em: 10 maio, 2022.

PERNAMBUCO. Secretaria de Educação. Currículo de Pernambuco - Ensino Fundamental. Recife, 2019.

REI, Antonio. **O gharb Al-andalus Al-aqsa na geografia Árabe.** Lisboa: IEM, 2012.

RECIFE. Secretaria de Habitação. Recife, PE, 22 out. 2022. Disponível em: <https://www2.recife.pe.gov.br/pagina/secretaria-de-habitacao>. Acesso em: 2 set. 2022.

ROCHA, Danielle.M. A crônica de um desastre anunciado. As palafitas do Recife só são visíveis quando queimam? Observatório das Metrópoles, 19 mai. 2022. Disponível em: <https://www.observatoriodasmetropoles.net.br/a-cronica-de-um-desastre-anunciado-as-palafitas-do-recife-so-sao-visiveis-quando-queimam/>. Acesso em: 15 Jul. 2022.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado.** 4º ed. São Paulo: HUCITEC, 1997.

SANTOS, Milton. **Urbanização Brasileira.** 3º ed. São Paulo: Hucitec, 1993.

STEINBECK, John. **As vinhas da ira.** 7º ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2020.

TISSIER, J. **Géographie et littérature. Encyclopédie de géographie,** n.10, p. 210-280, 1991.

TOLEDO, Rafael. **Raízes da ficção científica na literatura Chinesa.** China Hoje, 15 jan

019. Disponível em:

<http://www.chinahoje.net/raizes-da-ficcao-cientifica-na-literatura-chinesa/>. Acesso em: 5 jun.

2022.

TOMITA, Luiza M. Saito. Trabalho de campo como instrumento de ensino em Geografia.

Geografia, n. 8, p. 50-95, 1999.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

VERNE, Julio. **A volta ao mundo em 80 dias**. 1º ed. São Paulo: Principis, 2020.

VILELA, Pedro. R. Mais de 27 mil famílias sofreram despejos no Brasil durante a pandemia. **Brasil de Fato**, 15 Março. 2022. Disponível em:

<https://www.brasildefato.com.br/2022/03/15/mais-de-27-mil-familias-sofreram-despejos-nobrasil-durante-a-pandemia>. Acesso em: 20 jul. 2022.

ANEXOS



"O destino de Perséfonas", Walter Crane, 1877.

ANEXOS FOTOGRAFIAS



“Comunidade Caroline de Jesus”. Crédito: Keila Vieira/Direitos Urbanos, 2021.



“Ocupação Chico Lessa”. Crédito: Jeiel Araujo/UFPE. Recife, 2022.



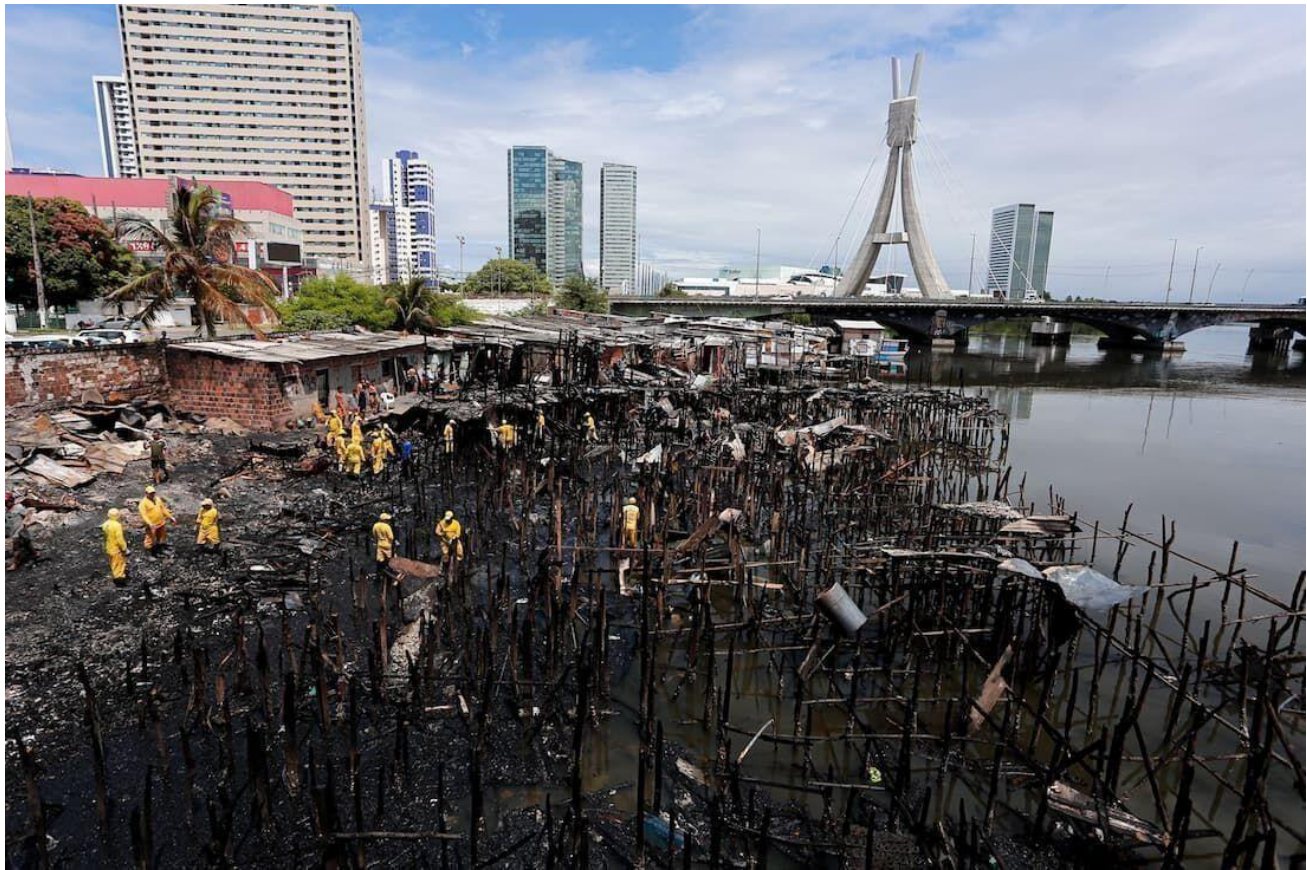
Acervo Centro Josué de Castro

Josué publicou em 1968 Homens e caranguejos

Josué de Castro. Crédito: Acervo centro Josué de Castro.



“Comunidade do Bode”. Crédito: Jeiel Araujo/ UFPE. Recife, 2022.



"Incêndio no Pina". Crédito: Alexandre Moreira/FolhaPe, 2022.